

INFLUÊNCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA: UMA INTERPRETAÇÃO BASEADA EM ESTUDANTES SURDOS NO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS – BAHIA

Dilcinéa dos Santos Reis (Pós-Crítica/UNEB)¹

Orientadora: Prof. Dra. Maria Nazaré Mota de Lima

INTRODUÇÃO

Desde que surgiram os estudos culturais, a visão sobre identidade surda tem sido repensada e revista em novas formas. Não é mais como o indivíduo se vê como pessoa sob um ponto de vista do corpo, da normalidade. É o surdo sendo observado através do ponto de vista identitário. Assim, a identidade não é uma visão que generaliza o sujeito. Dessa forma, é importante começar a perceber o surdo na alteridade e na diferença representável dentro da história e da política.

Assim, em 2002 foi aprovada a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira. Em dezembro de 2005, através do decreto 5.626, a Libras tornou-se disciplina obrigatória nas escolas, universidades e em âmbito federal.

Nesse contexto, a pesquisa intitulada: Influência da Língua Brasileira de Sinais na construção da identidade surda: uma interpretação baseada em estudantes surdos no município de Alagoinhas-Bahia buscará estudar e observar a Língua Portuguesa e a Libras, e modo a discutir suas semelhanças e diferenças; posterior a isso tentará analisar os diversos tipos de identidades surdas existentes, a fim de inserir o surdo no seu espaço enquanto sujeito, no intuito de traçar caminhos que irão viabilizar a possibilidade de oferecer suportes a esses estudantes no que tange ao respeito, à informação, compreensão e reflexões sobre a Libras bem como potencializar esses sujeitos no que diz respeito à educação de surdos baseada em pressupostos legais.

Dessa forma, escolhi esse tema por acreditar em um espaço, mundo, lugar de fala melhor para os estudantes surdos e para mostrar que eles são sujeitos críticos e transformadores do seu próprio espaço.

Para conseguir ampliar os horizontes dessa pesquisa me fundamentei em autores que discutem as questões das identidades surdas, como Gladys Pelin, Ronice Muller e Carlos Skliar, além de alguns outros, a exemplo de Stuart Hall, Silviano Santiago e Bhabha Hommi, que me darão suporte acerca dos pressupostos crítico-culturais.

¹ Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II, e-mail: neasantoss@yahoo.com.br.

Desde que a humanidade existe, existem surdos. E, como não pode deixar de ser, a história destes foi atravessada pelas ideias que circularam ao longo dos séculos, marcando e delimitando territórios teóricos, políticos, sociais, culturais e psíquicos da construção de subjetividades.

Assim, na época de Sócrates, os estudos traziam a seguinte designação: 'o homem que não escuta é o homem que não é entendido'; há uma referência à qualidade daquela pessoa que, por sua singularidade, a diferencia das demais. Logo após Homero, com a significação de "mudo" introduz-se um equívoco, ou seja, de que o surdo não fala e, aprofundando mais, a fala é entendida no âmbito único da oralidade. Também, introduz-se a ideia de dupla falta: incapacidade física (órgão auditivo defeituoso) e incapacidade emocional (estúpido e insensível). Quadros (1997, p.40).

Ainda segundo Quadros (1997), a associação da língua com a fala provocou um dos grandes equívocos que se encontra na história sobre a surdez, pois reduziu o conceito de língua à dimensão da oralidade e a associação de linguagem como pré-requisito para o pensamento.

Em um segundo momento consideravam-se os surdos como indivíduos competentes e reconhecia-se a língua de sinais como própria da comunidade surda, pregando-se que o surdo deveria ser educado nesta língua. Neste período, pós idade média, surgiram vários estudos sobre a língua de sinais; as comunidades surdas conseguiram um status social, político, econômico, linguístico e cultural. Uma grande conquista foi a abertura de escolas públicas para surdos onde, em muitas delas, a condução pedagógica era realizada somente por surdos. Com isso, os surdos puderam estudar e se formar em diversas profissões.

Ao retomar a sua história, a comunidade surda organizou-se e fundou associações que buscavam aglutinar indivíduos que tinham em comum a surdez, marcando a peculiaridade específica da sua comunidade. Este reatamento se manifestou através das várias atividades artísticas, o ensino da língua de sinais, a divulgação dos costumes surdos, etc. Sacks traz de forma mais contundente,

Emergiram poesia na língua de sinais, chistes na língua de sinais, canções na língua de sinais, dança na língua de sinais – artes sem igual na língua de sinais que não podiam ser traduzidas para a língua falada. Surgiu, ou ressurgiu, entre os surdos, uma tradição bárdica onde oradores, contadores de história, narradores usavam a língua de sinais para transmitir e divulgar a história e a cultura dos surdos, elevando ainda mais a nova consciência cultural (SACKS, 2002).

Nesse momento o surdo começa a ser visto como um ser que teria a sua própria maneira de pensar, agir e tomar decisões que viessem a acarretar melhorias para si.

UM POUCO DA METODOLOGIA

A escolha do método que conduz uma pesquisa geralmente não é tarefa das mais fáceis, principalmente quando o que se pretende é conhecer uma realidade em que o pesquisador está

diretamente envolvido. Com relação a esta pesquisa, logo ficou evidente que se trata de uma pesquisa com perfil etnográfico, pois essa linha de trabalho busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura; a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para a descrição densa do contexto estudado. De acordo com Moreira e Caleffe (2006), a etnografia tem como característica focar o comportamento social do sujeito no seu cenário cotidiano, confiando em dados qualitativos obtidos a partir de observações e interpretações feitas no contexto da totalidade das interações humanas, e os resultados da pesquisa são interpretados com referência ao grupo ou cenário, conforme as interações no contexto social e cultural e a partir do olhar dos sujeitos participantes da pesquisa.

Corroborando com Moreira e Caleffe, Lüdke e André (1986) apontam três etapas para a realização da pesquisa etnográfica: a exploração, que envolve as escolhas de campo e sujeitos bem como as primeiras observações e aproximações no e com o contexto da investigação; a decisão, que implica as escolhas dos dados relevantes, das fontes e até dos instrumentos; e a descoberta, que consiste na explicação da realidade e na forma de situar as várias descobertas num contexto mais amplo e holístico.

Dessa forma, esse trabalho buscará contemplar as etapas que a pesquisa etnográfica perpassa, através da pesquisa de campo a ser realizada com os surdos e seus familiares. Posterior a isso, observações em reuniões, festas e encontros organizados por eles e, logo após, análise dos dados coletados.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Para dar continuidade a algo que está inconcluso, pois o estudo não para por aqui, ainda necessita uma pesquisa de campo, bem como seus resultados. Sinto que esse trabalho se tornou infundável, pois denota diversos âmbitos e requer vários olhares.

Com esse trabalho estou percebendo que a característica intermediária do povo surdo pode ser discutida e indagada inúmeras vezes por entre a tessitura literária porque, de fato, emoldura outro espaço, ou seja, algo novo e distinto que nem sempre está 'no meio', mas que provavelmente é paradoxal e conflituoso tal quais os indivíduos que retrato – os surdos. Mediante a leitura e análise destes entremeios, busca-se a subjetividade do sujeito e com ela a identidade de uma comunidade – a comunidade surda.

Não obstante, a literatura revele um paradigma cultural, expõe a potencialidade de criação de um espaço em que vozes, crenças, saberes e vontades se aproximam, misturando-se num processo inevitável de transformação e inovação.

Como uma pesquisadora encantada com os estudos culturais, interculturais, eu continuo a acreditar no pressuposto de que mais atraentes que os pontos de partida e de chegada, tornam-se o trajeto e a travessia de uma experiência cultural. Portanto, essa pesquisa passa a ser, pra mim, o corolário que imortaliza os sentimentos oriundos dessas passagens, desse momento.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DALCIN, Gladis. *Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a Constituição da subjetividade do sujeito surdo*. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.
- LÜDKE, ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- HALL, S. *Identidades culturais na pós- modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- MOREIRA e CALEFFE. *Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro, Cap VII. 2006.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de Surdos: A aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira- Estudos Linguísticos*. Artmed. 2004.
- SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo de surdos*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, p.11-29. 1978.